**Missionaridade: Propósito de Deus para o reconhecimento do homem**

**- Parte II -**

Dom José da Santa Cruz[[1]](#footnote-1)

**2. O Cristão e o Egocentrismo**

O capítulo abordará o tema da relação cristão/egocentrismo; uma análise ética do amor-próprio.

A principal característica da vida cristã deve ser o amor. O amor é o único sentimento que edifica a vida cristã e que a torna parecida com a vida de Cristo. Deve ser o elemento predominante e preponderante em nossas vidas, em nossa conduta (com os outros) e em nossa experiência. Obviamente, não temos nenhum amor em nós sem o amor de Deus. O amor também é o único motivo verdadeiro para a obra e para a atividade na vida cristã, de salvar vidas.

O tema assume maior importância por causa da ênfase contemporânea do amor-próprio, como sendo a base de uma vida psicológica e até mesmo social sadia. Também porque o ensino cristão de autonegação e auto ódio tem sido atacado por promover muitos dos problemas psicológicos e sociais de hoje. Mas, no coração da ética cristã, está o fato de que ao cristão é ordenado: “*Ama teu próximo como a ti mesmo*”.

Os pontos de vista sobre o amor-próprio podem ser classificados como: o amor-próprio por causa de si mesmo; o amor-próprio por causa dos outros e o amor-próprio por causa de Deus. Em cada caso veremos que há concordância acerca da necessidade do amor-próprio, só que é diferente a razão pelo amor-próprio. Amar-se a si mesmo por causa de si mesmo é egoísta; amar-se a si mesmo por causa de Deus pode ser chamado altruísta.

Apresentaremos algumas passagens bíblicas que procurarão perscrutar o verdadeiro papel do amor-próprio corretamente, como sendo a autoafirmação, no sentido em que Deus nos vê, ou no sentido em que somos essencialmente criados. Segundo Paul Tillich (*Ultimate Concern*, págs.62,63), “*o tipo apropriado de amor-próprio a si mesmo como uma criatura de Deus, como participante do ser*”, diferente do que ele chama de amor-próprio “desordenado”, como sendo aquilo que chamaríamos hoje de egoísmo.

Jesus Cristo antecipou e aceitou “por amor” a própria morte na cruz, transformando-a, assim, dom de si, aquele dom que nos dá vida, nos liberta e salva. Por conseguinte, a sua ressurreição foi como que uma explosão de luz, “uma explosão do amor” que desata as cadeias do passado e da morte. Ela inaugurou uma nova dimensão da vida e da realidade, da qual sobressai um mundo novo, o transforma e o atrai a si. Tudo isso acontece concretamente através do testemunho da Igreja; aliás, a própria Igreja constitui as primícias desta transformação, que é obra de Deus e não nossa. Ela chega até nós mediante a fé e o sacramento do batismo, que é realmente morte e ressurreição, renascimento, transformação numa vida nova. É aquilo que revela Paulo na carta aos Gálatas: “*Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim*” (Gl 2,20). Assim mudou a nossa identidade essencial, através do batismo, e nós continuamos a existir somente nesta mudança. Somos privados dos nossos próprios “eus” que são inseridos em novos sujeitos, maiores, em que os “eus” existem novamente, mas transformados, abertos, mediante a inserção no outro, em quem adquire o seu novo espaço de existência. Assim, tornamo-nos “*um só em Cristo*” (Gl 3,28), um único sujeito novo, e o nosso “eu” é libertado do seu isolamento. “*Eu, mas já não eu*”: esta é a fórmula da existência cristã, fundada no batismo, a fórmula da ressurreição dentro do tempo, a fórmula da novidade cristã chamada a transformar o mundo.

A base bíblica segundo a qual o homem não deve amar o seu “ego” é que ele é um ego pecaminoso. Logo, é um amor mal dirigido e indigno. As passagens que retratam o homem como pecaminoso são inúmeras.

Desde a próprio início “*viu o Senhor a maldade do homem se havia multiplicado na terra, e que era continuamente mau todo desígnio do seu coração*” (Gn 6,5). O profeta disse: “*Enganoso é o coração, mais do que todas as coisas, e desesperadamente corrupto*” (Jr 17,9). O salmista indicou que o homem é pecaminoso desde seu nascimento, ao escrever: “*Eu nasci na iniquidade, e em pecados me concebeu minha mãe*” (Sl 51,5). Ou, outra vez: “*Desviem-se os ímpios desde a sua concepção; nascem e já se descaminham proferindo mentiras*” (Sl 58,3).

A pecaminosidade do homem não é somente de nascença, mas também é natural. Os homens são retratados como sendo pecaminosos por natureza. Paulo escreveu: “*Éramos por natureza filhos da ira, como também os demais*” (Ef 2,3). “*Porque não há distinção, pois todos pecaram e carecem da glória de Deus...* ” (Rm 3,23). Conforme está escrito: “*Não há justo, nem sequer um, não há quem entenda, não há quem busque a Deus...não há quem faça o bem, não há um sequer*”, e “*Não há temor de Deus diante de seus olhos*” (Rm 3,10,12,18).

Noutros trechos, o Novo Testamento fala do cristão possuindo uma natureza carnal ou terrestre. Paulo conclamou os Colossenses: “*Fazei, pois, morrer a vossa natureza terrena*” e lembra-os que, como cristãos, “*vos despistes do velho homem com os seus filhos, e vos revestistes do novo homem...*”(Cl 3,5;10,11). Esta velha natureza pecaminosa é também chamada a “carne” que guerreia contra o Espírito: “*Porque a carne milita contra o Espírito, e o Espírito contra a carne*” (Gl 5,17). Esta amostragem da Escritura é suficiente para sugerir a base para o ponto de vista de que naturalmente o homem é intrinsecamente mau. E se for este o caso, não é difícil ver porque os homens são conclamados a negar e até mesmo odiar este mal dentro deles mesmos.

Certos números de passagens bíblicas podem ser citados para ilustrar o argumento de que, visto que o homem é mau por natureza, não deve amar seu ego, mas até mesmo odiá-lo. Jesus disse: “*se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue, dia a dia tome a sua cruz e siga-me*” (Lc 9,23). Semelhantemente, Paulo conclamou os cristãos de Roma; “*Assim também vós considerai-vos mortos para o pecado...*” (Rm 6,11). Disse: “*Estou crucificado com Cristo*” (Gl 2,19); logo, “*já não sou eu quem vive, mas Cristo que vive em mim*” (Gl 2,20). É por isso que Paulo exortou os colossenses, pois, “*morrer a vossa natureza terrena*” (Cl 3,5)

Na realidade, As Escrituras conclamam a pessoa a odiar sua própria vida. “*Quem ama a sua vida, perde-a; mas aquele que odeia a sua vida neste mundo, a preservará para a vida eterna*” (Jo 12,25). Outra vez disse: “*Se alguém vem a mim, e não aborrece a seu pai, e mãe...e ainda a sua própria vida, não pode ser meu discípulo*” (Lc 14,26). Paulo advertiu Timóteo contra os homens que serão egoístas (2 Tm 3,2). Na realidade, em todas as partes das Escrituras há condenações repetidas dos orgulhosos e egoístas (cf 1Jo 2,16; Pr 16,8). O apóstolo resumiu a razão por odiar o ego maligno quando disse: “*Porque eu sei que em mim, isto é, na minha carne, não habita bem nenhum*”. Exclamou, portanto: “*desventurado homem que sou! Quem me livrará do corpo desta morte?*” (Rm 7,18,24). Em resumo, as Escrituras declaram o homem natural pecaminoso por natureza e conclamam os cristãos a negar e até mesmo odiarem “a si mesmos”.

Os dados bíblicos que subentendem um amor-próprio é o grupo que ensina que o homem é bom, em certo sentido, até mesmo o homem caído. O refrão da história da criação ilustra o fato de que o homem é essencialmente valioso. Depois de um dia de trabalho de criação, Deus olhou os resultados e disse: “É bom”. E depois de passar em revista o processo inteiro, inclusive a criação do homem, “*Viu Deus quanto fizera e eis que era muito bom*” (Gn 1,31). O homem era bom por natureza porque “*Criou Deus, pois, o homem à sua imagem*” (Gn1,27).

Desta maneira, os homens devem amar a si mesmos – por causa deles mesmos como criaturas de Deus – por causa dos outros como criaturas responsáveis, por causa de Deus e porque Deus os ama e lhes forneceu a redenção mediante Cristo.

O amor de Deus significa amor para com Deus e também amor divino em nossos corações. Em ambos esses sentidos, o cristão deve possuir um coração pleno de amor de Deus. O primeiro dever do cristão é amar o seu Deus de todo coração, alma e espírito. Procedendo assim, a sua consagração se tornará completa. Não haverá asperezas nem ressentimentos em qualquer feição de sua vida. Pois, se Aquele que ama foi quem chamou, e o amor a Ele permanece fiel e verdadeiro, então todas as suas solicitações serão respondidas e tudo correrá bem. Isso é importantíssimo, sendo a solução para todos os problemas pessoais. O próprio Deus é amor, e, obviamente, necessitamos mais de Deus quando o nosso amor começa a arrefecer.

Do mesmo modo, é mister, a plena medida do amor para capacitar o cristão a servir eficazmente o povo. A natureza humana é geralmente marcada pela ingratidão, egoísmo e descortesia. Mas o amor mais intenso de Deus, uma vez transbordante em nossos corações, far-nos-á amar até mesmo aos que não fazem por merecer amor, impedindo-nos a fazer-lhes o bem mesmo que nos desprezem, e nos impulsionará aa continuar derramar nossas vidas em favor daqueles que se mostram indignos, e que talvez cheguem a ponto de praticar injustiças contra nós. Eis ai, portanto, uma qualidade que deve dominar os nossos corações se quisermos ser bem sucedidos no pastorado e no campo missionário.

1. Abade da Fraternidade Monástica Imaculada Conceição [↑](#footnote-ref-1)